



No dia de finados o Sumo Pontífice celebrou missa no cemitério americano de Nettuno

Uma lição para o mundo que se prepara para a guerra

Hoje o mundo «está de novo em guerra e prepara-se para entrar de maneira mais forte em guerra». A admoestação do Papa ressoou no silêncio do cemitério americano de Nettuno, diante do campo de cruzes brancas que recordam os soldados

mortos de 1943 a 1944 durante a libertação da Itália na segunda guerra mundial. Nesse lugar altamente simbólico o Pontífice celebrou a missa na tarde de 2 de novembro – dia da comemoração dos finados – elevando uma prece por todas as vítimas dos conflitos e da violência e fazendo seu o brado lançado há um século por Bento XV contra o «massacre inútil».

«Hoje todos estamos aqui reunidos na esperança», disse o Papa na homilia, frisando que «a esperança muitas vezes nasce e lança raízes em tantas feridas e dores humanas», como o testemunham as oito mil cruzes do cemitério de Nettuno, que evocam a esperança de numerosas vidas jovens interrompidas pela tragédia da guerra. Com a guerra, afirmou, «tudo se perde», pois cada conflito significa «a nossa destruição». E «se este é um dia de esperança, é também um dia de lágrimas».

«Hoje – concluiu – oremos por todos os defuntos, mas de forma especial por estes jovens, num momento em que muitos morrem nas batalhas diárias desta guerra aos pedaços. Rezemos ainda pelos mortos de hoje, vítimas da guerra, pelas



crianças inocentes. Eis o fruto da guerra: a morte».

Depois o Papa foi às Fossas Ardeatinas, onde prestou homenagem às vítimas do massacre de 24 de março de 1944. O dia do Pontífice terminou nas grutas da basílica vaticana, com um momento de oração particular em sufrágio pelos Pontífices aí sepultados.

Enfim, na manhã do dia 3, Francisco celebrou em São Pedro a missa pelos cardeais e bispos falecidos durante o ano. O Papa concluiu com um convite à oração, para que eles «participem no banquete eterno que, com fé e amor, já antegozaram durante a peregrinação terrena».

PÁGINA 6 E 7

Por que os filhos deixaram de nos ouvir

LUCETTA SCARAFFIA

Por que motivo os nossos filhos, e mais em geral os jovens, deixaram de nos ouvir? De várias partes se estão a erguer vozes que denunciam a interrupção daquela transmissão de conhecimentos, valores, ensinamentos e princípios morais entre as gerações que sempre tinha garantido uma resistência moral e cultural do tecido social. E naturalmente também da tradição cristã: a ponto que o tema estará no centro do próximo sínodo.

No livro *Riprendiamoci i nostri figli* [Recuperemos os nossos filhos] (Marsilio) Antonio Polito teve a coragem de apresentar um olhar atento e impiedoso sobre o mundo dos jovens, que conhece através de três filhos de idades muito diversas. Com a ideia justa de que antes de decidir o que fazer é preciso compreender bem o que está a acontecer, e sobretudo é necessário identificar as forças que estão a trabalhar para afastar os filhos daquele projeto de transmissão que está no centro de qualquer percurso educativo.

Sem dúvida, um problema é constituído pela pirâmide demográfica invertida, que vê no centro das atenções de várias gerações de adultos poucos jovens, os quais não conhecem a igualdade, nunca experimentaram a fraternidade, porque não têm irmãos. Daqui deriva a rápida difusão do mal do século, o narcisismo, e isto faz com que estejamos diante de uma geração que manifesta uma extrema sensibilidade às reprovações, por não estar habituada a críticas.

E hoje quem repreende é praticamente só a família, enquanto outrora as regras de disciplina eram as mesmas na escola, na fa-

CONTINUA NA PÁGINA 10

Convite aos cristãos a não procurar vaidade nem honras

A autoridade nasce do bom exemplo

A autoridade «nasce do bom exemplo» e não pretende dos outros o que ela é a primeira a não pôr em prática, frisou o Papa Francisco no Angelus de domingo, 5 de novembro, na praça de São Pedro. Ao comentar o trecho litúrgico tirado do Evangelho de Mateus (23, 1-12), o Pontífice recordou que Jesus «critica severamente os escribas e os fariseus» e, ao mesmo tempo, «faz recomendações importantes aos cristãos de todos os tempos».

Francisco frisou em particular que «um defeito frequente em quem tem autoridade, quer civil quer eclesial, é exigir dos outros coisas, até justas, mas que eles não praticam pessoalmente». Este comportamento «é uma má prática da autoridade», que ao contrário «deveria ter a sua primeira força precisamente no bom exemplo». Com efeito, ela «é uma ajuda» mas «se for mal exercida torna-se opressiva, não deixa crescer as pessoas, origina um clima de desconfiança e de hostilidade, e leva até à corrupção».



O Papa admoestou também a não viver «só de aparência» e recordou que os cristãos não devem «procurar títulos de honra, de autoridade ou de supremacia» correndo atrás da «vaidade das honorificências», mas devem viver com «uma atitude simples e fraterna» inspirada sempre na modéstia.

PÁGINA 5

Formar as consciências

Contra discriminações e xenofobia

«Incrementar estudos sobre as causas remotas das migrações forçadas» para «encontrar soluções praticáveis» a fim de «garantir às pessoas o direito a não serem obrigadas a emigrar»; e «refletir sobre as reações negativas, por vezes até discriminatórias e xenófobas, que o acolhimento dos migrantes está a suscitar em países de antiga tradição cristã», propõe o «itinerário de formação das consciências». Foi a dúplice tarefa recomendada pelo Papa à Federação internacional das universidades católicas (Fiuc). Ao receber a 4 de novembro os participantes na conferência sobre os «refugiados e os migrantes num mundo globalizado», o Pontífice relembrou as responsabilidades dos ateneus católicos, chamando-os a oferecer respostas concretas.

PÁGINA 4

Para o bicentenário
da independência latino-americana

Rumo a horizontes mais vastos

Introdução do Papa a um livro de Guzmán Carriquiry

Há mais de seis anos tive o prazer de escrever o prólogo deste bonito livro do doutor Guzmán Carriquiry Lecour, assinando como cardeal arcebispo de Buenos Aires. Agora apresento esta nova edição como Papa Francisco, bispo de Roma, vindo das vísceras da fé, da história e da vida dos povos latino-americanos. Em abril de 2015, confirmei o autor deste livro, também ele rioplatense como eu, secretário encarregado da vice-presidência da Pontifícia comissão para a América Latina.

Hoje apraz-me poder acompanhar o relançamento deste volume, porque o bicentenário da independência latino-americana continua a ter vigor

Carriquiry Lecour o facto de que, seis anos atrás, a América Latina estava a concluir um ciclo de grande crescimento económico em condições internacionais favoráveis, que viu mais de quarenta milhões de latino-americanos sair da pobreza e constituir novas classes populares. Uma longa vaga de depressão provocada pela crise económica mundial, juntamente com correntes de corrupção e violências, marcou uma transição até ao momento atual, em que a América Latina parece viver na angústia e na incerteza, com estruturas políticas enfraquecidas, com um novo aumento da pobreza e um aprofundamento dos abismos da exclusão social para muitos. Entristece-nos a pátria que, de facto, não acolhe e não protege todos os seus filhos. Ao contrário, desejamos a grande pátria, mas será grande só — lê-se no documento de Aparecida n. 527 — quando o for para todos, e com maior justiça e equidade.

O que está a acontecer na América Latina? O que permaneceu da denominação “continente da esperança”? Estamos porventura resignados a um pragmatismo a curtíssimo prazo no meio da confusão? Será que nos limitamos a fazer manobras de cabotagem sem metas certas? Voltamos a confiar em ideologias que levaram a insucessos económicos e a devastações humanas? O bicentenário da independência é uma boa oportunidade para levantar voo e olhar para horizontes mais vastos. Há necessidade de debates sérios e apaixonados sobre o nosso passado, presente e futuro. Devemos desenvolver e discutir projetos históricos que visem com realismo e uma

esperança de vida mais digna para as pessoas, as famílias e os povos latino-americanos. É urgente poder definir e perseguir grandes objetivos nacionais e latino-americanos, com aceitações e mobilizações populares acentuadas, além das ambições e dos interesses mundanos, e longe de maniqueísmos e exasperações, de aventuras perigosas e explosões incontroláveis. Em vez de nos acomodarmos na indiferença e na insignificância, somos desafiados a elevar utopias de liberdade autêntica e libertação integral, apoiadas por renovados “feitos patrióticos” (como conclui muito bem este livro). Portanto, há poucos meses, quando em meados de 2016 foi comemorado o bicentenário da independência da Argentina, escrevi uma mensagem à minha amada pátria dizendo: «Com o apoio destes duzentos anos, é-nos perdido que continuemos a caminhar, a olhar em frente. Para esta finalidade — de modo especial — penso nos idosos e nos jovens, e sinto a necessidade de lhes pedir ajuda para continuar a caminhar rumo à nossa meta. Aos idosos, os “memoriosos” da história, peço que tenham a coragem de sonhar, superando a “cultura do descarté” que nos é imposta a nível mundial. Temos necessidade dos seus sonhos, fonte de inspiração. Aos jovens peço que não mandem para a reforma a sua existência no quie-



A Virgem de Guadalupe representada no mural da «Veladora» em San Antonio no Texas

tismo burocrático no qual os confinam tantas propostas privadas de esperança e de heroísmo. Tenho certeza de que a nossa Pátria precisa de tornar viva a profecia de Joel (cf. Jl 4, 1). A Pátria só poderá ser livre se os nossos avós tiverem a coragem de sonhar e os nossos jovens de profetizar grandes coisas. Precisamos de avós sonhadores que estimulem os jovens, os quais — inspirados por aqueles mesmos sonhos — corram em frente com a criatividade da profecia».

Aos pastores da Igreja na América Latina pede-se esta mesma criatividade da profecia, além de qualquer clericalismo desenraizado e abstrato. Nas minhas viagens apostólicas aos países latino-americanos pude admirar novamente as energias de fé e sabedoria, de dignidade e solidariedade, de alegria e esperança que pulsam no coração da nossa gente e animam o seu *ethos* cultural.

Os povos, especialmente aqueles pobres e simples, conservam as suas boas razões para viver e conviver, para amar e se sacrificar, para rezar e manter viva a esperança. E também para lutar pelas grandes causas. Portanto, interessa-me reunir-me periodicamente com os movimentos populares, porta-vozes da sacrossanta palavra de ordem de “casa, terra e trabalho” para todos. A fim de realizar isto, é necessário lutar por um novo modelo de desenvolvimento sustentável, equitativo e respeitador da criação. E quantas foram as obras de misericórdia que o recente ano jubilar encorajou a criar em todos os lugares, respondendo às diversas necessidades, em solidariedade com os pobres e com quantos sofrem! É preciso somar e não dividir. É necessário somar, sim, as mais diversas experiências que já estão em forma embrional e vigiam este mundo de irmãos qualquer pátria verdadeira — que é paternidade e reflexo da paternidade de Deus — deseja e manifesta.

Comemorar o bicentenário hoje ou serve para recolher a herança interpelante e as questões não resolvidas que a independência nos deixou, e para enfrentar todos os “deveres suspensos” — como este livro prevê — ou não serve para nada; seria somente um novo motivo de distração e de manipulação folclorista. Não desperdicemos os grandes eventos da nossa história.

Duas edições

Foi publicada a nova edição do livro *Memória, Coraje Y Esperanza. A la luz del Bicentenario de la Independencia de América Latina* (Granada, Editorial Nuevo Inicio, 2017, 127 páginas) escrito por Guzmán Carriquiry Lecour, secretário encarregado da vice-presidência da Pontifícia comissão para a América Latina. O volume abre-se com a apresentação do Papa Francisco, que publicamos nesta página juntamente com o prólogo que o cardeal Jorge Mario Bergoglio escreveu em 2011 para a primeira edição do livro (veja a página 3). A nova edição da obra será apresentada a 16 de novembro, na Aula Magna da «Liberia università Maria Santissima Assunta», pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin.

e ressonância. Não é só questão de datas, porque ainda muito recentemente este evento tão significativo foi comemorado só em alguns países da América Latina, mas vislumbra-se num horizonte próximo a sua celebração no Chile, Peru, Brasil e em toda a América Central. Além disso, o caminho incerto da independência dos nossos países, com os seus progressos e os seus regressos, sempre ameaçado por diversos tipos de colonialismo, ainda não se concluiu.

Os feitos patrióticos da emancipação americana, assim como, nas nossas origens, as aparições de Nossa Senhora de Guadalupe no âmbito de uma epopeia missionária e de uma mestiçagem dilacerada, figuram entre os eventos fundadores da nossa grande pátria latino-americana. Amor e dor, morte e esperança marcam profundamente a vida dos nossos povos. São como um ajuntamento decisivo da história, da sua beleza e das suas misérias, de sofrimentos e esperanças. É necessário voltar periodicamente a eles para não ficar “órfãos de Pátria”: constituem a hermenêutica necessária para conservar, fortalecer e eventualmente recuperar a nossa identidade.

Mas há também outro motivo importante para apreciar esta nova edição. Não passou despercebido a um latino-americano atento como é o doutor

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39066989420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidas: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

Para o bicentenário da independência latino-americana

Pátria como paternidade e filiação

JORGE MARIO BERGOGLIO

Em *Una apuesta por América Latina*, o seu autor, doutor Guzmán Carriquiry, apresentava-se como «uruguaio, rioplatense, mercosulense, sul-americano, latino-americano que, pelos caminhos infinitos e imprevisíveis da Providência, trabalha há trinta anos na Santa Sé, no centro da catolicidade». Sem dúvida, o seu enraizamento e o seu percurso particulares oferecem motivo, consistência e projeção a este seu novo livro, *Il bicentenario de la independencia de los países latinoamericanos*.

A obra do doutor Guzmán Carriquiry evita, desde o início, o risco de se transformar numa crónica de factos isolados. O subtítulo *Ayer y hoy* enquadra o tema na dinâmica de um processo. Porque a independência dos países latino-americanos não foi um facto pontual que se deu num determinado momento, mas, ao contrário, um caminho com obstáculos e retrocessos, um caminho que ainda hoje precisa ser seguido procedendo entre diversas tentativas de novas formas de colonialismo.

O estilo dinâmico da obra, além da narração dos factos, inclui um esforço interpretativo do processo. Neste aspeto vejo a maior riqueza. Carriquiry, com o seu método, entra no problema da hermenêutica com a qual devem ser tratados os processos históricos e cada facto. Nisto é extremamente original.

Nos seus estudos sobre a crítica literária, Dámaso Alonso chamava a atenção e evidenciava a importância que deve ser dada à relação entre “conteúdo” e “contínente”: deve haver harmonia entre eles. É um princípio hermenêutico que, aplicado ao âmbito histórico deste livro, poderíamos enunciar simplesmente assim: os factos históricos não podem ser compreendidos e interpretados primariamente com hermenêuticas anacrónicas.

Vittorio Messori, por exemplo, no seu livro sobre a lenda negra americana procura manter este princípio. Os factos devem ser avaliados e compreendidos tendo em conta a ótica da época na qual aconteceram.

Se assim for, então numa etapa final, é gnoseologicamente lícito analisar o inteiro processo com elementos do pensamento contemporâneo, mas sempre com base nas interpretações parciais da hermenêutica da época.

Deste esforço crítico Carriquiry sai vencedor e consegue apresentar-nos um harmonioso processo de factos e interpretações. Pertinente é a citação que faz de Methol Ferré na página 125, na qual o genial pensador rioplatense menciona o esvaziamento histórico das ideologias a partir das quais foi construída a diversificada série de hermenêuticas sobre a independência dos países latino-americanos: depois das conhecidas carências de lugares-comuns liberais, abundaram as interpretações inspiradas nos ateísmos messiânicos e nas suas utopias “salvacionistas” (que encontraram no marxismo o seu ápice ideológico e no socialismo real os primeiros Estados confessionalmente ateus da história) e agora naquela corrente do hedonismo niilista no qual culminaram as crises dos credos ideológicos.

O ateísmo hedonista, juntamente com os seus “complementos de alma” neognósticos, tornou-se paradigma cultural dominante, com projeção e difusão globais, convertido no clima da época em que vivemos. Trata-se do novo “ópio do povo”. No nosso tempo assistimos a este tipo de hermenêuticas ideológicas que, curiosamente, acabam por se

associarem configurando o “pensamento único” baseado num divórcio entre *intelligentia* e *ratio*. A inteligência é fundamentalmente histórica, a *ratio* é instrumental à inteligência mas, quando se torna independente, procura apoio na ideologia ou nas ciências sociais como pilares autónomos. O “pensamento único”, além de ser social e politicamente totalitário, tem uma estrutura gnóstica: não é humano; reedita as várias formas de racionalismo absolutista com as quais culturalmente se exprime o hedonismo niilista ao qual se refere Methol Ferré. Sobressai o “teísmo spray”, um teísmo disseminado, sem encarnação histórica; no máximo criador do ecumenismo maçónico. Assim na nossa época estão a nascer as mais diversas ideologias, reduzidas no final a este gnosticismo teísta que, em termos eclesiais, poderíamos definir “um Deus sem Igreja, uma Igreja sem Cristo, um Cristo sem povo”.

Se usarmos esta hermenêutica, provocaremos uma verdadeira des-encarnação da história. O autor, na sua obra, evita todas estas propostas e oferece uma interpretação do processo libertário latino-americano que poderíamos definir “católica” devido ao respeito pelo homem encarnado na história dos povos. No “concreto católico” inspira-se também outro aspeto importante da metodologia desta obra: o preço que os povos tiveram que pagar em nome de uma política independentista desenraizada da realidade. Pode-se falar de um conceito de independência de caráter nominalista que inspirou muitos capítulos da nossa história latino-americana, configurando uma espécie de romantismo libertário. O autor é perspicaz na análise deste problema e crítico na descrição das consequências que acarretou aos nossos países. Os hinos nacionais são, frequentemente, uma demonstração deste nominalismo da liberdade, que acaba por ser uma ideia sem radicação que sobrevoa a realidade concreta dos povos.

Neste livro confluem passado, presente e futuro. Não se trata de um simples catálogo de factos do passado, nem de uma análise sociológica do presente, e sequer de uma descri-

ção da utopia futura. Trata-se de um livro de história, de História com letra maiúscula, na qual o protagonista é o povo, os povos latino-americanos. Povos que vivem um presente que exige deles um engajamento com o passado e com o futuro: um passado recebido para o fazer crescer e o transmitir a quantos virão depois de nós. Numa frase arguta alguém disse que o presente não é só o que recebemos dos nossos pais, mas também o que nos emprestam os nossos filhos a fim de que depois lhes restituamos. Um presente recebido e, ao mesmo tempo, emprestado, mas um presente que é fundamentalmente nosso; cuidar dele significa fazer pátria, o que é muito diferente de construir um país ou configurar uma nação.

Um país é o espaço geográfico, a nação é constituída pela estrutura institucional. A pátria, ao contrário, é o que recebemos dos pais e que devemos entregar aos filhos. Um país pode ser mutilado, a nação pode transformar-se (nos períodos pós-guerra do século XX vimos muitos exemplos disso), mas a pátria ou mantém o seu ser fundante ou morre; pátria é património, isto é, aquilo que recebemos e que devemos entregar acrescido, mas não adulterado. Pátria é paternidade e filiação... Pátria evoca a cena trágica e cheia de esperança de Eneias com seu pai nos ombros na noite da destruição de Troia: *et sublado patre montem petivi*. Sim, pátria significa manter o que recebemos, não para o conservar mas para o entregar íntegro na sua essência, mas acrescido no caminho da história.

Pátria implica necessariamente uma tensão entre a memória do passado, o compromisso com a realidade do presente e a utopia que projeta para o futuro. E esta tensão é concreta, não sofre intervenções alheias, não se extrapola na confusão da realidade presente com a memória e a utopia que geram fugas ideológicas substancialmente infundadas.

A Igreja, no documento final da v conferência do episcopado latino-americano, faz sua esta conceção histórica dos povos do continente, ciente de que o “concreto católico”, que responde à Encarnação do Verbo, é constitutivo da nossa realidade latino-americana. Carriquiry compreendeu muito bem esta abordagem e plasma-a com rigor intelectual na sua obra que não evita as problemáticas nem os vários insucessos vividos ao longo destes duzentos anos; e precisamente porque é católico, não dissimula nem sequer o pecado histórico muitas vezes reiterado no seio dos nossos povos. Tem a coragem de olhar mais para trás e além, para a promessa daquela mestiçagem cultural profeticamente plasmada no rosto com traços índios de uma Mãe grávida e na sua confortadora mensagem de vida promissora para o futuro: «Porventura não estou eu aqui, que sou tua Mãe?».



Bernini, «Eneias, Anquise e Ascânio» (1618-1619)

Visita «ad limina» dos bispos do Paraguai



Na manhã de segunda-feira, 9 de novembro, o Papa recebeu em audiência os prelados da Conferência episcopal do Paraguai em visita ad limina Apostolorum

O Papa recordou a necessidade de formar as consciências

Contra discriminações e xenofobia

A necessidade de formar as consciências como único antídoto contra as discriminações e a xenofobia foi reafirmada pelo Papa na manhã de sábado, 4 de novembro, na Sala do Consistório, durante a audiência aos participantes na conferência internacional sobre «Refugiados e migrantes num mundo globalizado», organizada pela Federação internacional das universidades católicas.

Queridos irmãos e irmãs!

Recebo-vos no final da Conferência Internacional intitulada “Refugiados e Migrantes num mundo globalizado: responsabilidade e respostas das universidades”, organizada pela Federação Internacional das Universidades Católicas. Agradeço ao Presidente as palavras com as quais introduziu o nosso encontro.

Há pouco menos de um século este organismo, com o lema “*Sciat ut serviat*”, visa promover a formação católica a nível superior, recorrendo à grande riqueza que deriva do encontro de tantas e diversas realidades universitárias. Um aspeto essencial desta formação tem como objetivo a responsabilidade social, para a construção de um mundo mais justo

No que diz respeito ao primeiro âmbito, as universidades católicas sempre procuraram harmonizar a *investigação científica* com a *teológica*, fazendo dialogar razão e fé. Considero oportuno empreender ulteriores estudos sobre as causas remotas das migrações forçadas, com o propósito de identificar soluções praticáveis, mesmo se a longo prazo, porque é necessário em primeiro lugar garantir às pessoas o direito a não ser obrigadas a emigrar. É igualmente importante refletir sobre as reações negativas de princípio, por vezes inclusive discriminatórias e xenófobas, que o acolhimento dos migrantes está a suscitar nos países de antiga tradição cristã, a fim de propor itinerários de formação das consciências. Além disso, são certamente dignas de uma maior valorização as múltiplas contribuições dos migrantes e dos refugiados às sociedades que os acolhem, assim como aquelas de que beneficiam as suas comunidades de origem. A fim de dizer a “razão” do cuidado pastoral aos migrantes e aos refugiados, convido-vos a aprofundar a reflexão teológica sobre as migrações como sinal dos tempos. «A Igreja sempre contemplou nos migrantes a imagem de Cristo, que disse: “Era estrangeiro e acolhestes-me”

(Mt 25, 35). As suas itinerâncias são uma provocação à fé e ao amor dos cristãos, chamados a sanar os males derivados das migrações e a descobrir o desígnio que Deus realiza neles, mesmo quando são causadas por evidentes injustiças». (Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, Istr. *Erga migrantes caritas Christi*, 12).

No que concerne ao âmbito do *ensino*, espero que as universidades católicas adotem programas que visem favorecer a instrução dos refugiados, a vários níveis, quer através da oferta de cursos inclusive à distância para quantos vivem nos campos e nos centros de recolha, quer mediante a concessão de bolsas de estudo que permitam a sua recolocação. Servindo-se da densa rede académica inter-

nacional, as universidades podem também facilitar o reconhecimento dos títulos e do profissionalismo dos migrantes e dos refugiados, em benefício deles e da sociedade que os acolhe. Para responder de forma adequada aos novos desafios migratórios, é necessário formar de modo específico e profissional os agentes pastorais que se dedicam à assistência de migrantes e refugiados: esta é outra tarefa urgente para as universidades católicas. A nível mais geral, gostaria de convidar os ateneus católicos a educar os próprios estudan-

tes, alguns dos quais serão líderes políticos, empresários e artífices de cultura, para uma leitura atenta do fenómeno migratório, numa perspectiva de justiça, de responsabilidade global e de comunhão na diversidade cultural.

O âmbito da *promoção social* considera a universidade como uma instituição que se encarrega da sociedade na qual se encontra a trabalhar, exercendo em primeiro lugar um papel de consciência crítica em relação às diversas formas de poder político, económico e cultural. No respei-

tante ao complexo mundo das migrações, a Secção Migrantes e Refugiados do Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral sugeriu “20 Pontos de Ação” como contributo ao processo que levará à adoção, por parte da comunidade internacional, de dois Acordos Globais, um sobre os migrantes e outro sobre os refugiados, na segunda metade de 2018. Nesta e noutras dimensões, as universidades podem desempenhar o seu papel de atores privilegiados também no âmbito social, como por exemplo o incentivo ao voluntariado dos estudantes nos programas de assistência aos refugiados, aos requerentes de asilo e aos migrantes acabados de chegar.

Todo o trabalho que levais a cabo nestes grandes âmbitos – pesquisa, ensino e promoção social – encontra



Qais Al-Sindy, «Refugiados» (2015)

uma referência segura nos quatro pilares do caminho da Igreja através da realidade das migrações contemporâneas: *acolher, proteger, promover e integrar* (cf. *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018*).

Hoje celebramos a memória de São Carlos Borromeu, um Pastor iluminado e apaixonado, que fez da humildade o seu mote. A sua vida exemplar possa inspirar o vosso trabalho intelectual e social e também a experiência de fraternidade que fazes na Federação.

O Senhor abençoe o vosso compromisso ao serviço do mundo universitário e dos irmãos e irmãs migrantes e refugiados. Garanto-vos uma recordação nas minhas orações, e vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Discurso à empresa Sixt

As crianças no coração do Papa

O Papa «preocupa-se sobretudo com os mais pequeninos e débeis»: sublinhou Francisco na saudação dirigida aos representantes da Sixt, recebidos na manhã de sábado, 4 de novembro, na Sala Clementina. No início da audiência Regine Sixt apresentou ao Pontífice a atividade da empresa, em particular os projetos da fundação “Enxugar as pequenas lágrimas” a favor das crianças em dificuldade.

Querida família Sixt
Amados irmãos e irmãs!

Saúdo todos vós, representantes da empresa Sixt provenientes de diversas partes do mundo. Agradeço à Senhora Regine Sixt as palavras com as quais realçou o vosso compromisso comum pelas obras de caridade. Elas são realizadas através da fundação “*Drying Little Tears*” e destinam-se, sobretudo, às crianças que se encontram em várias situações de dificuldade.

Deste modo, tendes a oportunidade de seguir no vosso trabalho profissional uma vocação nobre, deixando-vos questionar por um sentido mais amplo da vida, ou seja, sem vos deterdes no sucesso

ou no lucro, mas procurando constantemente servir verdadeiramente o bem comum esforçando-vos por multiplicar e tornar os bens deste mundo mais acessíveis a todos (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 203).

Viestes aqui a Roma para vos encontrardes com o Sucessor de Pedro o qual se preocupa particularmente com os mais pequeninos e débeis, como as crianças. *Enxugar as suas lágrimas* mediante projetos concretos que os possam ajudar, significa contrastar a cultura do descarte e contribuir para a edificação de uma sociedade mais humana.

Encorajo-vos a prosseguir esta vossa atividade com a convicção de que a ternura de Deus se reflete de maneira especial nas crianças inocentes, necessitadas de atenções e de apoio. O Senhor vos recompense com a abundância dos seus dons.

Peço a vossa oração pela minha missão ao serviço da Igreja, e concedo de coração a Bênção Apostólica a vós, aos vossos queridos netos e a todas as vossas famílias.

Não apenas números

Muitas comunidades académicas há alguns anos estão engajadas a favor dos migrantes e dos refugiados. Entre estas, também as pertencentes à Federação internacional das universidades católicas (Fiuc), recordou o jesuíta Pedro Rubens Ferreira Oliveira, presidente da Fiuc e reitor da universidade católica de Pernambuco, na saudação dirigida ao Papa no início da audiência.

Apresentando-lhe os trabalhos da conferência internacional deste ano, o religioso evidenciou que o ponto comum entre todos os ateneus é a vontade de dar uma resposta ao interrogativo ético levantado pela encíclica *Laudato si'*. Em particular, foi promovida uma reflexão sobre o facto de que nas mesmas cidades onde surgem os campus universitários vivem comunidades de migrantes e refugiados: crianças, mulheres e homens que correm o risco de permanecer apenas números dos quais se ocupam as ciências sociais e sobre os quais se organizam apenas seminários de estudo. Ao contrário, a sua presença deveria interperlar as consciências do corpo docente e dos estudantes, porque muitos destes migrantes ficaram excluídos da formação universitária.

e mais humano. Por esta razão, sentistes-vos interpelados pela realidade global e complexa das migrações contemporâneas e elaborastes uma reflexão científica, teológica e pedagógica bem enraizada na doutrina social da Igreja, procurando superar os preconceitos e os temores relacionados com um escasso conhecimento do fenómeno migratório. Congratulo-me convosco, e permito-me evidenciar a necessidade da *vossa contribuição em três âmbitos* que são de vossa competência: a *pesquisa*, o *ensino* e a *promoção social*.

Francisco admoestou os cristãos que procuram vaidade e honras

A autoridade nasce do bom exemplo

A autoridade «nasce do bom exemplo» e não exige dos outros o que ela não pratica, frisou o Papa durante o Angelus de domingo, 5 de novembro, na praça de São Pedro.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje (cf. Mt 23, 1-12) ambienta-se nos últimos dias da vida de Jesus, em Jerusalém; dias cheios de expectativas e também de tensões. Por um lado Jesus dirige críticas severas aos escribas e aos fariseus, e por outro faz importantes recomendações aos cristãos de todos os tempos, e portanto também a nós.

Ele diz à multidão: «Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as». Isto significa que eles têm a autoridade para ensinar o que é conforme com a lei de Deus. Contudo, imediatamente a seguir, Jesus acrescenta: «mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não fazem» (v. 2-3). Irmãos e irmãs, um defeito frequente em quantos têm uma autoridade, quer se trate de autoridade civil quer eclesiástica, é exigir dos outros coisas, mesmo justas, que contudo eles não praticam em primeira pessoa. Fazem vida dupla. Diz

Jesus: «Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com seu dedo querem movê-los» (v. 4). Esta atitude é uma má prática da autoridade, que ao contrário deveria haurir a sua primeira força, precisamente do bom exemplo. A autoridade nasce do bom exemplo, para ajudar os outros a praticar o que é justo e necessário, apoiando-os nas provações que se encontram no caminho do bem. A autoridade é uma ajuda, mas se for exercida mal, torna-se opressiva, não deixa crescer as pessoas, causa um clima de desconfiança e de hostilidade e leva também à corrupção.

Jesus denuncia abertamente alguns comportamentos negativos dos escribas e de alguns fariseus: «E amam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, e as saudações nas praças» (vv. 6-7). Esta é uma tentação que corresponde à soberba humana e que nem sempre é fácil de vencer. Trata-se da atitude de viver só para a aparência.

Depois Jesus recomenda aos seus discípulos: «Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos [...] Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o

Cristo. O maior dentre vós será vosso servo» (vv. 8-11).

Nós, discípulos de Jesus, não devemos procurar títulos de honra, de autoridade ou de supremacia. E digo-vos que a mim pessoalmente me causa tanto sofrimento ver pessoas que vivem psicologicamente correndo atrás da vaidade das honríficas. Nós, discípulos de Jesus não devemos fazer isto, porque entre nós deve haver uma atitude simples e fraterna. Somos todos irmãos e não devemos de maneira alguma subjugar os outros e olhar para eles de cima para baixo. Não. Somos todos irmãos. Se recebemos qualidades do Pai celeste, devemos pô-las ao serviço dos irmãos, e não aproveitar delas para a nossa satisfação e interesse pessoal. Não nos devemos considerar superiores aos demais; a modéstia é essencial para uma existência que queira ser conforme com o ensinamento de Jesus, o qual é manso e humilde de coração e não veio para ser servido mas para servir.

A Virgem Maria, «humilde e alta mais que criatura» (Dante, *Paraíso*, XXXIII, 2), nos ajude, com a sua materna intercessão, a evitar o orgulho e a vaidade, e a ser mansos e dóceis ao amor que vem de Deus, para o serviço dos nossos irmãos e para a sua alegria, que será também a nossa.

Comemoração comum da Reforma

Luteranos e católicos juntos além da divisão

Publicamos a seguir o comunicado conjunto da Federação luterana mundial e do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos, em conclusão do ano da Comemoração comum da Reforma.

Hoje, 31 de outubro de 2017, último dia da Comemoração comum da Reforma, damos graças pelos dons espirituais e teológicos recebidos através da Reforma; tratou-se de uma comemoração partilhada não só entre nós mas também com os nossos parceiros ecumênicos a nível mundial. Ao mesmo tempo, pedimos perdão pelas nossas culpas e pelo modo com que os cristãos feriram o Corpo do Senhor e se ofenderam re-

ciprocamente nos quinhentos anos desde o início da Reforma até hoje.

Nós, luteranos e católicos, estamos profundamente agradecidos pelo caminho ecumênico que empreendemos juntos nos últimos cinquenta anos. Esta peregrinação, apoiada pela nossa oração comum, pelo culto divino e pelo diálogo ecumênico, levou à superação de preconceitos, à intensificação da compreensão recíproca e à obtenção de acordos teológicos decisivos. À luz de tão grandes bênçãos ao longo do nosso percurso, elevemos os nossos corações no louvor a Deus uno e trino pela graça recebida.

Hoje queremos recordar um ano marcado por eventos ecumênicos de



«A última ceia» (vitrail da Zion Lutheran Church no West Main)

à fome espirituais do nosso povo de ser um em Cristo. Desejamos ardentemente que esta ferida no Corpo de Cristo seja curada. Este é o objetivo dos nossos esforços ecumênicos, que queremos fazer progredir, inclusive renovando o nosso compromisso pelo diálogo teológico».

Entre as bênçãos recebidas durante o ano da Comemoração, há o facto que, pela primeira vez, luteranos e católicos viram a Reforma de uma perspectiva ecumênica. Isto tornou possível uma nova compreensão dos eventos do século XVI que provocaram a nossa separação. Reconhecemos que, se é verdade que não se pode mudar o passado, é verdade também que o seu impacto hodierno sobre nós pode ser transformado de modo que se torne um impulso para o crescimento da comunhão e um sinal de esperança para o mundo: a esperança de superar a divisão e a fragmentação. Mais uma vez, sobressaiu claramente que aquilo que nos une é muito superior ao que nos separa.

Sentimo-nos felizes por a *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*, assinada solenemente pela Federação Luterana Mundial e pela Igreja romano-católica em 1999, ter sido assinada também pelo Conselho Metodista Mundial em 2006 e, durante esse ano de Comemoração da Reforma, pela Comunhão Mundial das Igrejas Reformadas. Hoje mesmo, a Declaração foi aceite e recebida pela Comunhão Anglicana durante uma cerimónia solene na Abadia de Westminster. Sobre esta base as nossas comunidades cristãs podem construir um vínculo cada vez mais estreito de consenso espiritual e de testemunho comum ao serviço do Evangelho.

Audiência ao arcebispo de Canterbury



Na manhã de sexta-feira de 27 de outubro o Papa Francisco recebeu em audiência o arcebispo de Canterbury, Justin Welby, acompanhado pela esposa e pelo séquito.

No final do colóquio privado depois das saudações e da troca dos dons, o Pontífice convidou o arcebispo para almoçar em Santa Marta

importância incisiva, iniciado a 31 de outubro de 2016 com a oração conjunta luterano-católica celebrada em Lund, na Suécia, na presença dos nossos parceiros ecumênicos. O Papa Francisco e o Bispo Munib A. Younan, então Presidente da Federação Luterana Mundial, durante aquela função litúrgica por eles presidida, assinaram uma declaração comum, comprometendo-se a prosseguir juntos o caminho ecumênico rumo à unidade pela qual Cristo rezou (cf. João 17, 21). No mesmo dia, também o nosso serviço comum a favor de quantos necessitam da nossa ajuda e solidariedade foi fortalecido graças a uma carta de intenções assinada pela Caritas Internationalis e pela Lutheran World Federation World Service.

O Papa Francisco e o Presidente Younan declararam juntos: «Muitos membros das nossas comunidades aspiram receber a Eucaristia numa mesa única, como expressão concreta da plena unidade. Fazemos experiência da dor de quantos partilham toda a sua vida, mas não podem partilhar a presença redentora de Deus na mesa eucarística. Reconhecemos a nossa comum responsabilidade pastoral de responder à sede e

Uma lição para o mundo que se prepara para a guerra

Na tarde de quinta-feira, 2 de novembro, o Papa Francisco foi ao cemitério americano de Nettuno para celebrar a missa em sufrágio pelos fiéis defuntos e, em particular, por quantos perderam a vida por causa da guerra. Publicamos a seguir a nossa tradução da homília improvisada pelo Santo Padre.

Hoje, todos nós estamos aqui reunidos em esperança. Cada um de nós, no próprio coração, pode repetir as palavras de Jó que ouvimos na primeira Leitura: «Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra». A esperança de reencontrar Deus, de nos reencontrarmos todos, como irmãos: e esta esperança não desilude. Paulo foi forte naquela expressão da segunda Leitura: «A esperança não desilude».

Mas muitas vezes a esperança nasce e lança as suas raízes em muitas chagas humanas, em muitos sofrimentos e aquele momento de dor, de chaga, de sofrimento faz-nos olhar para o Céu e dizer: «Eu creio que o meu Redentor está vivo. Mas, Senhor, detém-te!». E talvez seja esta a oração que os lábios de todos nós profere quando olhamos para este cemitério. «Tenho a certeza,



Senhor, que estes nossos irmãos estão contigo. Estou certo, nós dizemos isto — «Mas, por favor, Senhor, chega. Nunca mais. Nunca mais a guerra, Nunca mais este massacre infítil», como dissera Bento XV. Melhor esperar sem esta destruição: jovens... milhares e milhares... esperanças destroçadas. «Nunca mais, Senhor». E devemos dizer isto hoje, que rezamos por todos os defuntos, mas neste lugar rezamos de modo especial por estes jovens; hoje que o mundo está de novo em guerra e se

prepara para entrar de maneira mais forte em guerra. «Nunca mais, Senhor. Nunca mais». Com a guerra perde-se tudo. Vem-me à mente aquela idosa que olhando para as ruínas de Hiroshima, com sábia resignação mas com muito sofrimento, com aquela resignação lamentosa que as mulheres sabem viver, porque é o seu carisma, dizia: «Os homens fazem de tudo para declarar a entrar em guerra, e no final destroem-se a si mesmos». Esta é a guerra: a destruição

ção de nós mesmos. Certamente aquela mulher, aquela idosa, tinha perdido ali filhos e netos; só lhe restavam a chaga no coração e as lágrimas. E se hoje é um dia de esperança, hoje é também um dia de lágrimas. Lágrimas como as que sentiam e derramavam as mulheres quando recebiam o correio: «A senhora é honrada porque o seu marido foi um herói da Pátria; os seus filhos são heróis da Pátria». São lágrimas que hoje a humanidade não deve esquecer. O orgulho desta humanidade que não aprendeu a lição e parece que não a quer aprender!

Quando, muitas vezes na história, os homens pensam em fazer uma guerra, estão convencidos de que contribuem para um mundo novo, que contribuam para uma «primavera». Mas acaba num inverno, terrível, cruel, com o reino do terror e da morte. Hoje rezamos por todos os defuntos, por todos, mas de modo especial por estes jovens, num momento em que tantos morrem nas batalhas de todos os dias desta guerra aos pedaços. Rezem também pelos mortos de hoje, pelos mortos de guerra, até crianças, inocentes. Eis o fruto da guerra: a morte. E o Senhor nos conceda a graça de chorar.

Deus conhece rostos e nomes

Ao regressar do cemitério americano de Nettuno, o Papa visitou o sacrário das Fossas Ardeatinas, prestando homenagem às vítimas do massacre de 24 de março de 1944 e pronunciando a oração que publicamos a seguir.

«Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacob» (cf. *Êxodo* 3, 6). Com este nome te apresentaste a Moisés, quando lhe revelaste a vontade de libertar o teu povo da escravidão do Egito. Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacob: Deus que estabelece aliança com o homem; Deus que se liga com um pacto de amor fiel, para sempre. Mi-

sericordioso e compassivo com cada homem e povo que sofre opressão. «Tenho visto atentamente a aflição do meu povo [...] tenho ouvido o seu clamor [...] conheci as suas dores» (*Êxodo* 3, 7).

Deus dos rostos e dos nomes. Deus de cada um dos trezentos e trinta e cinco homens massacrados aqui a 24 de março de 1944, cujos despojos repousam nestes túmulos. Tu conheces os seus rostos e os seus nomes. Todos, também dos doze que para nós permaneceram desconhecidos; para ti nenhum é desconhecido. Deus de Jesus, Pai nosso que estás nos céus.

Graças a Ele, o crucificado ressuscitado, nós sabemos que o teu nome «Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacob» significa que não és Deus dos mortos mas dos vivos (cf. *Matheus* 22, 32), que a tua aliança de amor fiel é mais forte do que a morte e é garantia de ressurreição.

Faz, ó Senhor, com que neste lugar, consagrado à memória dos mortos pela liberdade e pela justiça, descalcemos as sandálias do egoísmo e da indiferença e através da sarça ardente deste mausoléu ouçamos em silêncio o teu nome: «Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacob». Deus de Jesus, Deus dos vivos. Amém.



Em silêncio no meio das cruzes

«Estes são os frutos da guerra: ódio, morte, vingança... Perdoai-nos Senhores». As palavras deixadas pelo Papa Francisco no livro de honra do sacrário das Fossas Ardeatinas, a 2 de novembro — data em que a Igreja recorda os fiéis defuntos — sintetizaram a tarde que o Pontífice quis dedicar à memória e ao sufrágio por todas as vítimas da guerra e da violência. Um pedido de perdão em nome da humanidade, acompanhada pela súplica «Nunca mais, Senhor, nunca mais!» pronunciada diante de oito mil cruzes do cemitério americano de Nettuno, onde celebrou a missa.

Francisco chegou ao cemitério — no qual foram sepultados e são recordados os soldados americanos que perderam a vida de 1943 a 1944 nas operações de libertação da Itália durante a segunda guerra mundial — por volta das 17h45, acompanhado pelo arcebispo Geörg

Gänswein, prefeito da Casa pontifícia. Recebido pelo monsenhor Leonardo Sapienza, regente da Prefeitura, dirigiu-se imediatamente, sozinho, aos túmulos do campo D, onde colocou rosas brancas em dez sepulturas, entre as quais na de um soldado desconhecido, de um ítalo-americano e de um judeu. Foram momentos de grande intensidade, durante os quais o Papa primeiro se deteve em oração e depois, numa espécie de peregrinação da dor, caminhou entre as cruzes, acariciando algumas.

Em seguida, no ponto central do cemitério, onde fora preparado o altar, o Pontífice foi recebido pelo bispo da diocese suburbicária de Albano, D. Marcello Semeraro, líder diretor do cemitério, Melanie Resto, e pelos presidentes das câmaras municipais de Nettuno e de Anzio, Angelo Casto e Luciano Bruschini. O rito no qual partici-



Pelos cardeais e bispos falecidos

Na perspetiva da eternidade

O Papa Francisco recordou os cardeais, os arcebispos e os bispos falecidos durante o ano na celebração de sufrágio presidida na manhã de sexta-feira, 3 de novembro, no altar da Catedral da basílica de São Pedro. De outubro de 2016 até ao mês passado, faleceram quatorze cardeais (Arns, Agostini, Connell, Yik, Keeler, Nicora, Husar, Dias, Meisner, Tettamanzi, Murphy-O'Connor, Caffarra, De Paolis, Vidal) e cento e trinta e sete entre arcebispos e bispos. Estavam presentes trinta e oito cardeais — entre os quais Angelo Sodano — e numerosos prelados da Cúria romana. Com o corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé estavam os arcebispos Becciu, substituído da Secretaria de Estado, e Gallagher, secretário para as Relações com os Estados, e os monsenhores Borgia, assessor, Camilleri, subsecretário para as Relações com os Estados, e Bettencourt, chefe do Protocolo. Prestaram serviço litúrgico os ministros dos salesianos de Dom Bosco e animaram o rito os cantores da Capela Sistina.

A celebração de hoje coloca-nos mais uma vez diante dos olhos a realidade da morte, reavivando em nós também o pesar pela separação das pessoas que viveram conosco e nos ajudaram; mas a Liturgia alimenta sobretudo a nossa esperança a respeito deles e de nós próprios. A Primeira Leitura exprime uma forte esperança na ressurreição dos justos: «Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a ignomínia, para a reprovação eternas» (*Dn* 12, 2). Aqueles que dormem no pó da terra são, obviamente, os mortos e o despertar da morte não significa necessariamente um retorno à vida; com efeito, alguns despertarão para a vida eterna, outros para ig-

nomínia eterna. A morte torna definitiva a «encruzilhada» que já aqui, neste mundo, está diante de nós: o caminho da vida, isto é, com Deus, ou o caminho da morte, isto é, longe d'Ele. Os «muitos» que acordarão para a vida eterna devem ser entendidos como os «muitos» pelos quais é derramado o sangue de Cristo: são a multidão que, graças à bondade misericordiosa de Deus, pode experimentar a realidade da vida que não passa, a vitória completa sobre a morte por meio da ressurreição.

No Evangelho, Jesus fortalece a nossa esperança, ao dizer: «Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer

deste pão, viverá eternamente» (*Jó* 6, 5). São palavras que evocam o sacrifício de Cristo na cruz. Ele aceitou a morte para salvar os homens que o Pai Lhe deu e que estavam mortos na escravidão do pecado. Jesus fez-Se nosso irmão e partilhou a nossa condição até à morte; com o seu amor, despedaçou o jugo da morte e abriu-nos as portas da vida. Quando nos alimentamos do seu corpo e sangue, unimo-nos ao seu amor fiel, que encerra nele a esperança da vitória definitiva do bem sobre o mal, o sofrimento e a morte. Em virtude deste vínculo divino da caridade de Cristo, sabemos que a comunhão com os defuntos não fica apenas ao nível dum desejo, dum imaginação, mas torna-se real.

A fé que professamos na ressurreição leva-nos a ser homens de esperança e não de desespero, homens da vida e não da morte, porque nos consola a promessa da vida eterna, radicada na união a Cristo ressuscitado.

Esta esperança, reavivada em nós pela Palavra de Deus, ajuda-nos a adotar uma atitude de confiança frente à morte: realmente Jesus demonstrou-nos que a morte não é a última palavra, mas o amor misericordioso do Pai transfigura-

nos e faz-nos viver a comunhão eterna com Ele. Uma característica fundamental do cristão é o sentido dum ansiosa expectativa do encontro final com Deus. Ainda há pouco o reiteramos no Salmo Responsorial: «A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus?» (42, 3). São palavras poéticas que, de forma comovente, interpretam a nossa expectativa vigilante e sedenta do amor, da beleza, da felicidade e da sabedoria de Deus.

Estas expressões do Salmo tinham-se imprimido na alma dos nossos irmãos Cardeais e Bispos que hoje recordamos: deixaram-nos, depois de ter servido a Igreja e o povo a eles confiada, rumo à eternidade. Assim, ao mesmo tempo que damos graças pelo serviço que prestaram generosamente ao Evangelho e à Igreja, parece-nos ouvi-los repetir com o Apóstolo: «A esperança não engana» (*Rm* 5, 5). Sim, não enganar! Deus é fiel e a nossa esperança n'Ele não é vã. Invoguemos para eles a intercessão materna de Maria Santíssima a fim de participarem no banquete eterno, que, com fé e amor, autorizaram durante a peregrinação terrena.



No final, o pequeno grupo visitou o «sepolcristo», já envolto nas sombras da noite. Também ali o Papa quis prestar homenagem às vítimas, colocando rosas em dez túmulos. Depois da prece silenciosa, o rabino Di Segni pronunciou uma oração em hebraico ao microfone. Prece que continuou com as palavras escritas no livro de honra, que se leram, depois de meia hora, a visita do Papa.

Francisco regressou ao Vaticano onde — acompanhado pelo cardeal arcebispo Angelo Comastri e pelo bispo Vittorio Lanzani, delegado da Fábrica de São Pedro — desceu às Grutas da basílica para um momento de oração em sufrágio dos Pontífices ali sepultados, passando diante dos túmulos de Pedro, Bento XV, Pio XI, Pio XII, Paulo VI e João Paulo I.

Missas matutinas em Santa Marta



Terça-feira
31 de outubro

Se a pastoral não tiver coragem

Os cristão «acreditam realmente» na «força do Espírito Santo» que está dentro deles? E têm a coragem de «lançar a semente», de se porem em jogo, ou de se refugiarem numa «pastoral de conservação» que não deixa que «o reino de Deus cresça»? Foram as questões formuladas pelo Papa Francisco na celebração deste dia, durante a qual trouxe um horizonte de «esperança», para cada homem e para a Igreja como comunidade: o da plena realização do Reino de Deus, que tem dois pilares: a «força» poderosa do Espírito e a «coragem» de deixar desencadear esta força.

O Pontífice inspirou-se na leitura do excerto evangélico (Lc 13, 18-21) no qual «parece que Jesus sente um pouco de dificuldade»: «Mas como posso explicar o Reino de Deus? Com o que o posso comparar?» e utiliza «dois exemplos da vida diária»: o grão de mostarda e o fermento. Ambos, explicou Francisco, são pequenos, parecem inócuos, «mas quando entram em movimento, têm dentro de si um poder que sai e cresce, vai além, até mais do que se possa imaginar». É precisamente «este o mistério do Reino».

De facto, a realidade é que «o grão tem um poder interno, assim como o fermento», e também «o poder do Reino de Deus vem de dentro; a força vem de dentro, o crescimento vem do interior». Não é, acrescentou o Papa com uma comparação que remete para a atualidade, «um crescimento como, por exemplo, se verifica no caso de uma equipe de futebol quando aumenta o número de adeptos e torna a equipe maior», mas «vem de dentro». Um conceito que, acrescentou, é retomado por Paulo na Carta aos Romanos (8, 18-25) num trecho «cheio de tensões», porque «este crescimento do reino de Deus a partir de dentro, do interior, está em tensão».

Eis então que o apóstolo explica: «Quantas tensões há na nossa vida e para onde nos levam», e diz que «os sofrimentos desta vida não são comparáveis com a glória que nos espera». Mas também o próprio «esperar», disse o Pontífice relendo a epístola, não é aguardar «tranquilo»: Paulo fala «de fervorosa expectativa. Há uma expectativa fervorosa nestas tensões». Além disso, esta última não é só do homem, mas «também da criação» que «aponta para a revelação dos filhos de Deus». Com efeito «também a criação, como nós, foi submetida à caducidade» e procede na «esperança de que será libertada da escravidão da corrupção». Portanto, «é toda a criação que da caducidade existencial que sente se dirige para a glória, para se livrar da escravidão; leva-nos à liberdade. E esta criação – e nós com ela, com a criação – geme e sofre as dores do parto até hoje».

A conclusão deste raciocínio levou o Papa a repetir o conceito de «esperança»: o homem e a criação inteira possuem «as primícias do Espírito», isto é, «a força interna que nos leva em frente e nos dá a esperança» da «plenitude do Reino de Deus». Portanto, o apóstolo Paulo escreve «aquela frase que nos ensina muito: “De facto, na esperança fomos salvos”».

Ela, continuou o Pontífice, é um «caminho», «que nos leva à plenitude, a esperança de sair da prisão, da limitação, da escravidão, da corrupção, para chegar à glória». E, acrescentou, é «um dom do Espírito» que «está dentro de nós e leva a isto: a algo grandioso, a uma libertação, a uma grande glória. E por isso Jesus diz: “Dentro do grão de mostarda, daquela semente pequenina, existe a força que desencadeia um crescimento inimaginável”».

Eis então a realidade prefigurada pela parábola: «Dentro de nós e na criação – porque vamos juntos rumo à glória – existe uma força que desencadeia: é o Espírito Santo. Aquela que nos dá a esperança». E, acrescentou Francisco, «viver na esperança significa deixar que estas forças do Espírito vão em frente e nos ajudem a crescer rumo a esta plenitude que nos espera na glória».

Sucessivamente, a reflexão do Pontífice analisou outro aspeto, porque na parábola se diz também que «o grão de mostarda é tomado e lançado. Um homem pegou nele e lançou-o ao jardim» e que o fermento não foi deixado inerte: «uma mulher pegou nele e misturou-o». Isto é, compreende-se que «se o grão não for pego e lançado, se o fermento não for pego e misturado, permanecem ali e a força interior que possuem fica ali». Do mesmo modo, explicou Francisco, «se quisermos conservar para nós o grão, será só um grão. Se não o misturarmos com a vida, com a farinha da vida, o fermento permanece só fermento». Por conseguinte, é preciso

«lançar, misturar a coragem da esperança». Que «cresce, porque o Reino de Deus cresce a partir de dentro, não por proselitismo». Cresce «com a força do Espírito Santo».

A tal propósito o Papa recordou que «a Igreja teve sempre quer a coragem de pegar e lançar, de tomar e misturar», quer «o medo de o fazer». E observou: «Muitas vezes vemos que se prefere uma pastoral de conservação» em vez de «deixar que o reino cresça». Quando acontece isto «permanecemos o que somos, pequeninos», talvez «nos sintamos seguros» mas «o Reino não cresce». Mas «para que o reino cresça é preciso coragem: lançar o grão, misturar o fermento».

Alguém poderia objetar: «Se eu lançar o grão, perco-o». Mas esta, explicou o Papa, é a realidade: «haver sempre alguma perda, ao semear o reino de Deus. Se eu misturar o fermento sujo as mãos: graças a Deus! Ai daqueles que pregam o reino de Deus com a ilusão de não sujar as mãos. Esses são guardas de museus: preferem as coisas bonitas» ao «gesto de lançar para que a força se desencadeie, de misturar para que a força faça crescer».

Tudo isto está encerrado nas palavras de Jesus e de Paulo propostas pela liturgia: a «tensão que vai da escravidão do pecado» até à «plenitude da glória». É a esperança que «não desilude» mesmo se for «pequena como um grão e como o fermento». Alguém, recordou o Pontífice, «dizia que é a virtude mais humilde, é a serve. Mas ali está o Espírito, e onde houver esperança haverá o Espírito Santo. E é precisamente o Espírito Santo que leva em frente o Reino de Deus». E concluiu sugerindo aos presentes que pensem «no grão de mostarda e no fermento, no lançar e no misturar» e se perguntem: «Como está a minha esperança? É uma ilusão? Um “talvez”? Ou acredito que dentro dela reside o Espírito Santo? Falo com o Espírito Santo?».



Segunda-feira
6 de novembro

Três dons de Deus

É deixando-se «misericordiar» por Deus que se podem tornar próprios os seus «dons irrevogáveis»: a eleição, a promessa e a aliança», afirmou o Papa, confidenciando ver, de modo particular, estas três realidades «todas as vezes que os noivos vêm ter comigo para que eu abençoe as suas alianças: a eleição – elegem-se reciprocamente – a promessa de levar juntos em frente a vida e a aliança». E precisamente «por esta razão o matrimónio é uma das figuras mais perfeitas do dom de Deus». Eis o fio condutor da meditação que Francisco, convidando todos a fazer um exame de consciência, propôs na manhã de segunda-feira, 6 de novembro, durante a missa celebrada em Santa Marta.

«Neste trecho da carta aos Romanos – observou imediatamente o Pontífice fazendo referência ao excerto (11, 29-36) proposto pela liturgia – Paulo está a terminar a sua reflexão sobre a eleição de Deus dos israelitas e dos gentios: trata-se praticamente de uma argumentação teológica que Paulo deve elaborar para convencer que os dois são eleitos, foram elegidos». E «termina com esta frase, forte: “Irmãos, os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis”». Como quem diz: «quando Deus concede um dom, este é irrevogável: não o concede hoje para o tirar amanhã» e «quando Deus chama, aquela chamada permanece para toda a vida».

«Foram três na história da salvação – explicou o Pontífice – os dons, as chamadas de Deus ao seu povo: a eleição, a promessa e a aliança, ou seja, o dom da eleição, o dom da promessa e o dom da aliança».

«O povo de Deus é um povo eleito», afirmou Francisco, recordando que «é precisamente o Senhor quem elege Abraão – o primeiro eleito – e leva-o em frente com uma promessa e estabelece com ele e com os seus sucessores uma aliança». E «é exatamente o Senhor que continua a sublinhar, a fortalecer a eleição». Com efeito, prosseguiu o Papa, «no ciclo de Abraão, no Génesis, quantas vezes o Senhor diz: “sim, eu elegi-te”, e quantas vezes frisa e repete a promessa: “dar-te-ei um filho, mas não este, outro” – “Porém, aos noventa anos?” – “Com noventa anos de idade”».

Eis «a promessa», observou Francisco, remarcando o facto de que «o Senhor celebra constantemente a aliança, aquela aliança selada por ele desde o início». E «esta é a história da salvação» explicou o Papa, «mas o Senhor nunca, nunca volta atrás». Portanto, «estes dons da eleição, da promessa e da aliança são irrevogáveis: para o povo de Deus, para a Igreja e também para cada um de nós». Porque, garantiu o Pontífice, «cada um de nós foi eleito; cada um de nós é um eleito, uma eleita de Deus; cada um de nós traz uma promessa que o Senhor fez: “Caminha

Encontro com o grande imã de al-Azhar



Na manhã de terça-feira, 7 de novembro, o Papa recebeu em audiência, no estúdio da Sala Paulo VI, sua excelência Ahmed Muhammad al-Tayyib, grande imã de al-Azhar (Egipto), com o séquito. No final do encontro o Pontífice convidou o líder religioso do islão sunita para almoçar em Santa Marta, para onde os dois se dirigiram a pé conversando durante o breve trajeto.



Daniel Bonnel, «A ovelha tresmalhada»

na minha presença, sê irrepreensível e eu te farei isso». E mais ainda, acrescentou Francisco, «cada um de nós estabelece alianças com o Senhor». Na realidade, fez questão de notar o Papa, estas alianças com o Senhor «cada um pode estabelecê-las ou não: é livre. Isto é um facto».

Nesta perspectiva, afirmou o Pontífice, é oportuno que todos se questionem: «Como sinto a eleição; sinto-me cristão por acaso? Como vivo eu a promessa, uma promessa de salvação no meu caminho, e como sou fiel à aliança, como ele é fiel?». Porque, explicou Francisco, «ele é fiel», e por esta razão «os dons e a chamada são irrevogáveis: ele não se pode renegar a si mesmo; ele é a fidelidade».

Por conseguinte, tendo em conta estas verdades, o Pontífice sugeriu algumas perguntas que devemos dirigir a nós mesmos: «Sinto-me eleito por Deus? Sinto a carícia de Deus no meu coração? Sinto que Deus me ama? E cuida de mim? E quando me afasto, ele vai à minha procura? Pode servir de ajuda, afirmou, pensar «na parábola da ovelha tresmalhada, por exemplo: o Senhor que vai à procura, as promessas que fez e as alianças».

Assim, confidenciou Francisco, «todas as vezes que os noivos vêm ter comigo para que eu abençoe as suas alianças, vejo ali, naquele gesto, estas três coisas: a eleição – elegem-se reciprocamente – a promessa de levar juntos em frente a vida e a aliança». Precisamente, «por este motivo o matrimónio é uma das figuras mais perfeitas do dom de Deus».

Nas sucessivas «quatro linhas» da carta aos Romanos o apóstolo Paulo, «depois de ter explicado isto, por quatro vezes» repete «as palavras “desobediência” e “misericórdia”: há uma tensão entre as duas, onde há desobediência houve misericórdia». Paulo reitera «por quatro vezes: isso significa que no caminho da eleição rumo à promessa e à aliança haverá pecados, haverá desobediência, mas diante desta desobediência há sempre misericórdia».

«É – explicou o Pontífice – como a dinâmica do nosso caminhar rumo à maturidade: há sempre misericórdia, porque ele é fiel, ele nunca revoga os seus dons». E isto «está relacionado: os dons são irrevogáveis, porque diante das nossas debilidades, dos nossos pecados há sempre a misericórdia e quando Paulo chega a

esta reflexão dá mais um passo: não de explicação a nós, mas de adoração».

«O abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!» escreve o apóstolo aos Romanos. Palavras que são «um ato de adoração, de louvor: ele ajoelha-se diante deste mistério da desobediência e da misericórdia que nos torna livres e desta beleza dos dons irrevogáveis, que são a eleição, a promessa e a aliança». E «esta é a argumentação de Paulo: quando não pode ir em frente com o raciocínio, porque já explicou tudo, Paulo ajoelha-se e adora». Ele «adora em silêncio».

«Penso que nos pode fazer bem, a todos nós – sugeriu o Papa – pensar hoje na nossa eleição, nas promessas que o Senhor nos fez e em como vivo pessoalmente a aliança com o Senhor». Mas também, continuou, em «como me deixo – permitam-me a palavra – “misericordiar” pelo Senhor, diante dos meus pecados, das minhas desobediências». E, «por fim, se sou capaz, como Paulo, de louvar a Deus por quanto deu a mim, a cada um de nós: louvar e fazer aquele ato de adoração». Concluindo a homília, Francisco convidou a «nunca esquecer» que «os dons e a chamada de Deus são irrevogáveis: ele é “o fiel”».



Terça-feira
7 de novembro

Os convidados para o banquete

Para a salvação existe «um ingresso gratuito». Mas com alguma advertência. Antes de tudo é gratuito; depois os possuidores serão certamente mulheres e homens que têm necessidade «de cuidado e de cura no corpo e na alma». É fácil imaginar que os primeiros lugares são ocupados por «pecadores, pobres e doentes», os chamados «últimos», disse o Papa repetindo a imagem evangélica – tirada do excerto de Lucas (14, 15-24) – do banquete para o qual o dono da casa convida «os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos» depois da rejeição dos ricos que não compreendem o valor da gratuitidade da salvação.

«Os textos evangélicos que ouvimos esta semana são enquadrados num banquete» observou. É «o Senhor que vai à casa de um chefe dos fariseus para almoçar e lá é repreendido porque não faz as abluções». Depois «durante o banquete o Senhor aconselha a não procurar os primeiros lugares porque há o perigo de que venha alguém mais importante e o dono da casa nos diga: “Cede o lugar a este, levanta-te!”. Seria uma vergonha».

«O trecho continua com os conselhos que o Senhor oferece sobre quem se deve convidar para um banquete em casa». Ele indica precisamente «os que não te podem retribuir». Eis «a gratuitidade do banquete». Assim «quando acabou de explicar isto, um dos convidados disse a Jesus: “Feliz aquele que se sentar à mesa no Reino de Deus!”».

O Senhor «responde-lhe com uma parábola, sem explicações, de um homem que ofereceu um grande jantar e convidou muitas pessoas». Mas «os primeiros convidados não quiseram ir ao jantar, não se importavam com o jantar nem com as pessoas que lá estariam, nem com o Senhor que os convidava: eles importavam-se com outras coisas».

E de facto um a um começaram a desculpar-se. Assim «o primeiro disse-lhe: “Comprei um campo”; o outro: “Comprei cinco parselhas de bois”; outro: “Casei-me”; mas cada um tinha o próprio interesse mais importante que o convite». O facto é que «eles estavam apegados ao interesse: o que posso lucrar?». Portanto, a um convite gratuito a resposta foi: «Não me importa, talvez outro dia, estou muito ocupado, não posso ir». «Ocupado» mas com os próprios interesses: atarefado como aquele homem que queria, depois da ceifa, depois da colheita do trigo, construir armazéns para aumentar os seus bens. Pobre homem, morreu naquela mesma noite».

Estas pessoas estão apegadas «ao interesse a tal ponto que» caem numa «escravidão do espírito» e «são incapazes de entender a gratuitidade do convite». Mas «se não compreendemos a gratuitidade do convite de Deus nada compreenderemos». Com efeito, a iniciativa de Deus «é sempre gratuita: para ir a este banquete quanto devo pagar? O ingresso é ser doente, pobre, pecador». Precisamente este «é o ingresso: ser carente tanto no corpo como na alma». E «por carente», entende-se «precisar de cuidado, de cura, de amor».

«Aqui veem-se os dois comportamentos». O de Deus «é sempre gratuito: para salvar Deus nada cobra, é gratuito». E também, acrescentou Francisco, «digamos a palavra um pouco abstrata, “universal”», no sentido de que ao servo «o patrão “irado” diz: «Sai, sem demora, pelas praças e pelas ruas da cidade e introduz aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos». Noutra versão de Mateus o patrão diz «bons e maus: todos, todos» porque «a gratuitidade de Deus não tem limites: todos, ele recebe todos».

«Aliás, os que têm o próprio interesse não compreendem a gratuitidade. São como o filho que ficou ao lado do pai quando o irmão mais

novo foi embora, e depois de muito tempo volta pobre e o pai faz festa, e ele não quer participar no banquete, não quer entrar naquela festa porque não entende: “Gastou todo o dinheiro, desperdiçou a herança com vícios, com pecados, e tu faz-lhe festa? Eu que sou católico, pratico, vou à missa todos os domingos, cumpro os deveres, a mim nada?»».

O facto é que «não compreende a gratuitidade da salvação, pensa que ela é fruto do “eu pago e tu salvaste-me”: pago com isto, com aquilo». Mas não «a salvação é gratuita». E «se não entras nessa dinâmica da gratuitidade nada compreenderás».

De facto a salvação «é um dom de Deus ao qual se responde com outro dom, o dom do meu coração». Contudo, há quem «tem outros interesses, quando ouve falar dos dons: “Sim, é verdade, mas devo oferecer dons”. E imediatamente pensam: “Eis, oferecerei este dom e ele amanhã ou depois de amanhã, noutra ocasião, oferecer-me-á outro também”. Assim há «sempre a retribuição». Porém «o Senhor nada pede em troca: só amor, fidelidade, como ele é amor e é fiel». Porque «a salvação não se compra, simplesmente entra-se no banquete: “Feliz daquele que se sentar à mesa no Reino de Deus!”». Esta «é a salvação».

Na realidade, confidenciou o Papa, «pergunto-me: o que sentem estes que não estão dispostos a vir ao banquete? Sentem-se seguros, com uma segurança, sentem-se salvos do modo deles fora do banquete». E «perderam o sentido da gratuitidade, perderam o sentido do amor e perderam algo maior e mais bonito ainda e isto é terrível: perderam a capacidade de se sentir amados». E «quando perdes – não digas a capacidade de amar, porque ela pode ser recuperada – a capacidade de se sentir amado, não há esperança: perdeste tudo». De resto, concluiu, tudo isto «nos faz pensar na frase escrita na porta do inferno dantesco “Deixai a esperança”: perdeste tudo». Por outro lado, é preciso olhar para o dono da casa que deseja que a sua morada se encha: «é tão amoroso que na sua gratuitidade quer encher a casa». E assim «peçamos ao Senhor que nos salve e não percamos a capacidade de nos sentir amados».

O Santo Padre recebe Kofi Annan



Na tarde de 6 de novembro o Papa recebeu em Santa Marta o ex-secretário-geral da Onu, Kofi Annan. Com o político e diplomata ganês, que desempenhou o alto cargo no Palácio de Vidro de 1997 a 2006, estavam presentes outros membros da organização internacional não-governamental The Elders (“os idosos”). Entre eles Mary Robinson, presidente da República da Irlanda de 1990 a 1997. O grupo, fundado por Nelson Mandela há dez anos, trabalha na promoção da paz e dos direitos humanos e é formado por líderes mundiais e ex-chefes de Estado.

Na Índia o cardeal Amato beatificou a irmã Rani Maria

Ao serviço dos pobres e indefesos

A 25 de fevereiro de 1995 a religiosa Rani Maria Vattalil, com apenas quarenta e dois anos, foi assassinada quando ia de autocarro a caminho de Bhopal. O assassino infligiu cinquenta e quatro facadas no seu corpo, e enquanto era massacrada ela repetia o nome de Jesus. O cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos, recordou assim o martírio da clarissa franciscana. Depois de vinte e dois anos, Rani Maria foi beatificada. Presidido pelo cardeal em representação do Papa Francisco, o rito realizou-se em Indore (Índia), a 4 de novembro.

Evocando o seu hediondo assassinato, o cardeal recordou que «o motivo de tanta obstinação homicida foi o facto de a religiosa pregar o Evangelho da caridade e defender os pobres da injustiça» e de quantos «de modo fraudulento, se apoderavam das terras». Para contrastar este abuso, na aldeia de Udainagar, a irmã Rani «procurava salvar os pequenos proprietários do suicídio ou de um triste destino de indigência, com iniciativas concretas de cooperação e microcrédito». A sua obra recebia «a gratidão do povo mas atraía a ira dos prepotentes». Sinal evidente da eficácia apostólica do seu martírio foi «o arrependimento do assassino Samunder Singh e o seu desejo de se tornar cristão».

A irmã Rani, observou o purpurado, estava preparada espiritualmente para o martírio. A sua abertura «aos dons do Espírito, a sua fé na Eucaristia, a sua confiança na Providência, a sua oração contínua à beata Alfonsa – canonizada em 2008 – para se manter firme nas dificuldades e nos sofrimentos», testemunham «a sua tensão para a perfeição

e a santidade». Diante dos obstáculos dizia: «Deus está comigo. Por que deveria sentir medo?». A fé «infundia-lhe paciência, coragem, serenidade e espírito de conciliação». Em virtude do seu otimismo perene, não obstante as lágrimas dos sofrimentos, foi chamada «apóstola do sorriso». De facto tinha «um modo



amável de sorrir apesar dos problemas». Este nível de maturidade «era devido à sua espiritualidade franciscana. Com efeito, foi uma mística da oração. Gostava de rezar e de ensinar a rezar».

Manteve sempre «um comportamento de benevolência e generosidade para com o próximo». Ninguém, disse o purpurado, «era excluído da sua caridade, do seu conselho, do seu encorajamento». Amava todos «para além das barreiras de casta, religião ou língua». Mantinha boas relações com os ricos e com os pobres, com as pessoas cultas e com os iletrados». De facto, ia sempre «aos

departamentos governamentais para perorar as causas dos necessitados e dos pobres, para os quais era uma benfeitora generosa». Mas o seu heroísmo alcançou «o ápice na caridade para com os inimigos». Um dia, recordou o prefeito, soube «das ameaças de um seu inimigo declarado, que se opunha à sua obra social. A irmã Rani foi à aldeia, encontrou-se com o adversário que, vencido pela sua gentileza e bondade, se tornou seu amigo a partir de então».

A superiora da sua congregação – «cheia de admiração pelo zelo de Rani que, com grande simplicidade exortava as irmãs de hábito a serem fortes e corajosas» – gostava de repetir: «Não devemos procurar segurança nem facilidades na nossa obra missionária; com coragem e confiança em Deus, as irmãs deveriam estar prontas a arriscar a vida para servir os pobres e os necessitados nas aldeias subdesenvolvidas».

O martírio da irmã Rani, evidenciou o purpurado, é «uma bênção não só para a missão de Udainagar mas para toda a Igreja católica na Índia». O seu sacrifício «tornou-se um farol de luz para a multidão de missionários que nela encontram inspiração e proteção». As clarissas franciscanas, acrescentou o prefeito, estão particularmente satisfeitas agora por terem além da proteção da santa Alfonsa Muttathupaddathu, também a da beata Rani.

A religiosa «exorta as irmãs de hábito à fidelidade à vocação e ao sacrifício, na sua louvável missão de testemunho evangélico e de apostolado social». Num horizonte multicultural e multireligioso, a sua «figura mostra a beleza e a elevada dignidade da pessoa humana, sobretudo da mulher, também ela protagonista

corajosa da proclamação da mensagem social de Jesus dirigida aos marginalizados» e a quantos «sofrem violência e injustiça». Ela morreu «para promover e defender os valores evangélicos da justiça, da fraternidade, do perdão, por ela proclamados e praticados».

A irmã Rani, recordou o cardeal Amato, era «animada por um grande desejo de evangelização». O seu apostolado social «radicava-se numa profunda atitude de adoração e numa escuta contínua da palavra». A sua vida missionária «unia harmoniosamente a oração com a responsabilidade social, a vida comunitária com a fraternidade». Por fim, do seu testemunho brota o convite «a rezar pelos perseguidores da Igreja».

Oração para novembro

Diálogo e paz na Ásia

«Rezemos pelos cristãos na Ásia, para que favoreçam o diálogo, a paz e a compreensão recíproca, sobretudo com os seguidores das outras religiões». Eis a sugestão de Francisco na mensagem vídeo que propõe a intenção para o mês de novembro, no âmbito da iniciativa promovida pela Rede mundial de oração do Papa.

Para acompanhar as palavras do Pontífice, no vídeo passam rostos com traços somáticos diversos que indicam como são numerosas as culturas e as religiões do continente. «É isto o que mais me impressiona da Ásia – afirma o Papa na mensagem – a variedade das suas populações, herdeiros de antigas culturas, religiões e tradições. Além disso «nesse continente, no qual a Igreja é minoria, o desafio é apaixonante». Eis o seu apelo a «promover o diálogo entre religiões e culturas», cientes de que «o diálogo é parte essencial da missão da Igreja na Ásia».

Ao relançar imediatamente os conteúdos da mensagem vídeo do Papa Francisco – realizada pela agência La Machi em colaboração com o Centro televisivo do Vaticano – o cardeal arcebispo de Bombaim, Oswald Gracias, disse à Rádio Vaticano que «para nós na Ásia o diálogo é uma necessidade» e «a Igreja neste continente está a fazer muito neste sentido mas ainda não é suficiente: com a oração e o impulso do Papa certamente poderemos realizar mais». Para um diálogo eficaz, explicou o purpurado, são necessárias «iniciativas diversificadas» para os muçulmanos, os budistas, os sikhs e os hindus e é preciso reafirmar que o diálogo «não significa proselitismo mas, precisamente de acordo com as palavras do Pontífice, é “caminhar juntos”». E quem promove o diálogo, segundo o cardeal, não deve temer sujeições nem violências.

Por que os filhos deixaram de nos ouvir

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

mília, na paróquia, em público, onde quer que houvesse adultos que vigiavam. Hoje a família que reprova está sozinha, porque para ser considerados bons pais, bons professores, bons sacerdotes, é preciso obter a aprovação dos jovens. A escola já não sabe exigir e obter dedicação e preparação precisamente num momento em que é pedido um certo nível de preparação cultural para não ficar aprisionados nos muitos trabalhos precários e mal remunerados. Mas qualquer percurso de estudos que imponha esforço e dedicação é desvalorizado, e «basta contrapor a busca da felicidade e da autorrealização às regras e obrigações do rendimento de estudos, e a questão fica resolvida» comenta o autor.

Isto traduz-se num trágico empobrecimento da linguagem, que o uso da rede transforma em palavras truncadas, sinais, desenhos: o efeito de tudo isto é profundo porque, escreve o autor, significa «a rejeição da linguagem em si, considerada e vivida como uma prisão, que é substituída com formas de comunicação mais breves, brutais e pobres». É tornam-

se também assim as relações, até as amorosas.

Os jovens vivem e comunicam apenas emoções, e reivindicam o direito a uma fragilidade emotiva extraordinária. Em tudo isto o grande ausente, além da razão, é o livre arbitrio, ou seja, a capacidade de discernimento: no seu universo moral parece não haver espaço para a responsabilidade individual, porque não há liberdade, mas só biologia. Parece que o domínio do instinto prevalece acima de tudo, para uma sobrevalorização de uma ideia errada de autenticidade. Desde crianças, nesta ausência de discernimento, cedem imediatamente às lisonjas de uma publicidade online que os alcança até por vias indiretas, nos meios de comunicação e nos jogos, e procura modelar os seus gostos já desde a infância.

Entre os produtos desejados que Antonio Polito indica como os mais difíceis de gerir encontra-se de facto o smartphone, que «torna os nossos filhos incontrolláveis», não só porque totalmente desvinculados de qualquer controle possível, mas também cada vez mais distantes: com efeito,

estão «em toda a parte e contemporaneamente sempre entre eles».

Para não falar dos numerosos e loquazes maus mestres que em toda a mídia os tranquilizam dizendo que existem drogas ligeiras que não são perigosas e que as podem consumir sem receio. Neste difícil mundo novo, no qual a tradição é sentida apenas como uma invasão da qual se libertar, segundo Polito os pais foram abandonados também pela Igreja, que, como todos os representantes dos adultos, por um lado, desceu demais ao nível deles, por outro encontra-se demasiado distante e não está preparada no respeitante ao mundo deles.

E assim os jovens não encontram resposta para aquele anseio pelo grande, pelo ideal, pelo mistério que sentem vivo dentro de si. Mas ao qual não é suficiente responder com o voluntariado, com a moral, com frases genéricas que se adequam a todos. Para se fazer ouvir é necessário saber bem a quem se fala, e reencontrar a autoridade e a força, reencontrar o espírito para os fazer emergir de uma realidade que os humilha.

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 3 de novembro

D. Juliusz Janusz, Núncio Apostólico na Eslovénia, com encargo de Delegado Apostólico no Kosovo.

A 4 de novembro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Igor Dodon, Presidente da República da Moldávia, com a Ex.^{ma} Esposa e o Séquito.

A 6 de novembro

Os seguintes Prelados da Conferência Episcopal do Paraguai, em visita «ad limina Apostolorum»: D. Edmundo Ponciano Valenzuela Mellid, Arcebispo de Assunção, com o Arcebispo Emérito D. Eustaquio Pastor Cuquejo Verga; D. Cândido Cárdenas Villalba, Bispo de Benjamín Aceval; D. Ricardo Jorge Valenzuela Ríos, Bispo de Caacupé, com o Bispo Emérito D. Catalino Claudio Giménez Medina; o Rev.^{do} Pe. Osmar López Benítez, Administrador Diocesano de Carapeguá; D. Heinz Wilhelm Steckling, Bispo de Ciudad del Este; D. Miguel Ángel Cabello Almada, Bispo de Concepción; D. Juan Bautista Gavilán Velásquez, Bispo de Coronel Oviedo; D. Francisco Javier Pistilli Scorzara, Bispo de Encarnación, com o Bispo Emérito D. Ignacio Gogorza Izaguirre; D. Pedro Collar Noguera, Bispo de San Juan Bautista de Las Misiones, com o Bispo Emérito D. Mario Melanio

Medina Salinas; D. Joaquín Hermes Robledo Romero, Bispo de San Lorenzo; D. Pierre Laurent Jubinville, Bispo de San Pedro; o Rev.^{mo} mons. Waldemar Sánchez Franco, Administrador Diocesano de Villarrica del Espíritu Santo; D. Adalberto Martínez Flores, Bispo Ordinário Militar para o Paraguai; D. Gabriel Narciso Escobar Ayala, Vigário Apostólico de Chaco Paraguayo; e D. Lucio Alfert, Vigário Apostólico de Pilcomayo.

A 7 de novembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Ahmed Muhammad al-Tayyib, Grande Imã de al-Azhar (Egito), com o Séquito.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 3 de novembro

D. Felipe Arizmendi Esquivel, ao governo pastoral da Diocese de San Cristóbal de Las Casas (México).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 3 de novembro

Bispo de San Cristóbal de Las Casas (México), D. Rodrigo Aguilar Martínez, até agora Bispo de Tehuacán.

Bispo da Diocese de San Pedro de Macoris (República Dominicana), o Rev.^{do} Pe. Santiago Rodríguez Rodríguez, do clero da Diocese de Puerto Plata, até esta data Vigário Episcopal para a Pastoral da mesma Diocese e Pároco da paróquia de São Marcos.

D. Santiago Rodríguez Rodríguez nasceu a 25 de maio de 1968, em Mamey (República Dominicana). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 24 de junho de 2000.

A 4 de novembro

Legado Pontifício para as Basílicas de São Francisco e Santa Maria dos Anjos em Assis, o Senhor Cardeal Agostino Vallini, Vigário-Geral Emérito para a Diocese de Roma.

Núncio Apostólico em Trindade e Tobago, Antígua e Barbuda, Barbados, Dominica, Jamaica, Saint Kitts

e Nevis, São Vicente e Granadinas, República Cooperativista da Guiana e Delegado Apostólico nas Antilhas, D. Fortunatus Nwachukwu, até à presente data Núncio Apostólico na Nicarágua.

Arcebispo de Trani-Barletta-Bisceglie (Itália), o Rev.^{mo} Mons. Leonardo D'Ascenzo, do clero da Diocese de Velletri-Segni, até agora Reitor do Seminário Regional Pontifício Colégio Leoniano, em Anagni.

D. Leonardo D'Ascenzo nasceu no dia 31 de agosto de 1961, em Valmontone (Itália). Foi ordenado Sacerdote a 5 de julho de 1986.

Bispo de Franceville (Gabão), o Rev.^{do} Pe. Jean Patrick Iba-Ba, até hoje Reitor do Seminário Maior Nacional Saint Augustin, em Libreville.

D. Jean Patrick Iba-Ba nasceu em Libreville (Gabão), a 18 de abril de 1966. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 19 de julho de 1998.

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, a Professora Helen Margaret Blau, Docente de Microbiologia Celular e Diretora do Baxter Laboratory for Stem Cell Biology na Stanford University, Califórnia (EUA).

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências Sociais o Professor John Francis McEldowney, Docente de Direito na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Warwick (Grã-Bretanha).

A 7 de novembro

Subsecretárias do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida: na Secção para a vida, a Professora Gabriella Gambino, até esta data Docente adjunto de Bioética da Faculdade de Filosofia, Pesquisadora e Professora associada em Filosofia do Direito da Faculdade de Jurisprudência na Universidade dos estudos de Roma Tor Vergata, Professora encarregada no Pontifício Instituto Teológico João Paulo II para as Ciências do Matrimónio e da Família; e na Secção para os fiéis leigos, a Doutora Linda Ghisoni, até agora Juíza Instrutora do Tribunal de primeira instância para as causas de nulidade de matrimónio da Região do Lácio instituído no Vicariato de Roma, Professora contratada no Depar-

tamento de Jurisprudência da Universidade dos Estudos «Roma Tre».

A 8 de novembro

Auxiliar da Diocese de Kielce (Polónia), o Rev.^{do} Cónego Andrzej Kaleta, até esta data Vigário Episcopal para a Formação Permanente do Clero, simultaneamente eleito Bispo Titular de Massita.

D. Andrzej Kaleta nasceu a 14 de fevereiro de 1957, em Busko (Polónia). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 25 de maio de 1985.

Prelados falecidos

Adormeceu no Senhor:

No dia 4 de novembro

D. Michael Augustine, Arcebispo Emérito de Pondicherry e Cuddalore (Índia).

O saudoso Prelado nasceu a 12 de junho de 1933, em Kovilanjur (Índia). Foi ordenado Sacerdote no dia 15 de abril de 1961. Recebeu a Ordenação episcopal em 29 de março de 1978.

Início de Missão de Núncio Apostólico

D. Santiago De Wit Guzmán, Arcebispo Titular de Gabala, na República Centro-Africana (14 de julho).

O Papa recebeu o presidente da Moldávia



Na manhã de 4 de novembro o Papa Francisco recebeu em audiência Igor Dodon, presidente da República da Moldávia, o qual se encontrou sucessivamente com o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, acompanhado por monsenhor Antoine Camilleri, subsecretário para as Relações com os Estados.

Durante os colóquios cordiais manifestaram apreço pelo bom estado das relações bilaterais e pelo contributo positivo da Igreja para a sociedade moldava, especialmente através do compromisso ecuménico e das obras educativas e caritativas. Em seguida, houve uma troca de opiniões sobre a situação no país e acerca de alguns temas de interesse recíproco, como a promoção dos valores da família, assim como a paz e a segurança a nível regional e internacional.

Comemoração comum da Reforma

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

Olhamos com satisfação para as numerosas iniciativas de oração comum e de culto divino que luteranos e católicos partilharam juntamente com os seus parceiros ecuménicos em várias partes do mundo, assim como para os encontros teológicos e as importantes publicações que deram substância a este ano de Comemoração.

Com o olhar dirigido para o futuro, comprometemo-nos a prosseguir o nosso caminho comum, guiados pelo Espírito de Deus, rumo à crescente unidade desejada pelo nosso Senhor Jesus Cristo. Com a ajuda de Deus e num espírito de oração, pretendemos discernir a nossa interpretação de Igreja, Eucaristia e Ministério, esforçando-nos para chegar a um consenso substancial a fim de superar as diferenças que até agora são fonte de divisão entre nós. Com profunda alegria e gratidão, confiemos no facto de «que aquele que iniciou em vós esta obra excelente lhe dará o cumprimento até o dia de Jesus Cristo» (Filipenses 1, 6).

A Igreja no Brasil denuncia as atividades extrativistas indiscriminadas

«Em Mariana, há dois anos, houve o maior e mais grave desastre mineiro da América Latina, que foi classificado como crime ambiental. Diante deste desastre, ainda não houve reparação. As multas não foram pagas. E a recuperação da área até agora foi muito inadequada»: afirmou o padre Dario Bossi, missionário comboniano no Brasil e um dos coordenadores da rede continental latino-americana *Iglesias y Minería*, durante o encontro «Ecoteologia e atividade mineira, a espiritualidade, a resistência e as alternativas em defesa dos territórios», que se concluiu no dia 7 de novembro, em Mariana, no Estado brasileiro de Minas Gerais. Segundo o padre Bossi, que falou sobre outras situações de risco na região, o desastre de Mariana demonstra que «a atividade extrativista indiscriminada mata, é insustentável e que a anunciada preocupação social e ambiental se revelou ser uma hipocrisia». Participaram do evento cerca de cinquenta pessoas, entre agentes pastorais, ativistas que trabalham nas áreas mineiras, representantes dos povos indígenas, teólogos e estudiosos do problema mineiro.

Dedicado à Eucaristia o novo ciclo de reflexões das audiências gerais

A missa não é um espetáculo

Francisco criticou o mau hábito de tirar fotografias durante as celebrações

É dedicado à Eucaristia o novo ciclo de catequeses inaugurado pelo Papa durante a audiência geral de 8 de novembro na Praça de São Pedro. Tendo concluído a série de encontros sobre a esperança cristã à luz das Palavras de Deus o Pontífice deu início ao aprofundamento do tema, falando da importância da missa para a comunidade cristã.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Iniciamos hoje uma nova série de catequeses, que fixará o olhar no “coração” da Igreja, ou seja, na Eucaristia. Para nós cristãos, é fundamental compreender bem o valor e o significado da Santa Missa, a fim de viver cada vez mais plenamente a nossa relação com Deus.

Não podemos esquecer o grande número de cristãos que, no mundo inteiro, em dois mil anos de história, resistiram até à morte para defender a Eucaristia; e quantos, ainda hoje, arriscam a vida para participar na Missa dominical. No ano de 304, durante as perseguições de Diocleciano, um grupo de cristãos, do norte de África, foram surpreendidos a celebrar a Missa numa casa e foram aprisionados. O procônsul romano, no interrogatório, perguntou-lhes por que o fizeram, sabendo que era absolutamente proibido. E eles responderam: «Sem o domingo não podemos viver», que significava: se não podemos celebrar a Eucaristia, não podemos viver, a nossa vida cristã morreria.

Com efeito, Jesus disse aos seus discípulos: «se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia» (Jo 6, 53-54).

Aqueles cristãos do norte de África foram assassinados porque celebravam a Eucaristia. Deixaram o testemunho de que se pode renunciar à vida terrena pela Eucaristia, porque ela nos dá a vida eterna, tornando-nos partícipes da vitória de Cristo sobre a morte. Um testemunho que nos interpela a todos e exige uma resposta acerca do que significa para cada um de nós participar no Sacrifício da Missa e aproximarmos-nos da Mesa do Senhor. Estamos à procura daquela nascente da qual “jorra água viva” para a vida eterna?, que torna a nossa vida um sacrifício espiritual de louvor e de agradecimento e faz de nós um só corpo com Cristo? É este o sentido mais profundo da sagrada Eucaristia, que significa “agradecimento”: agradecimento a Deus Pai, Filho e Espírito Santo que nos abraça e nos transforma na sua comunhão de amor.

Nas próximas catequeses gostaria de responder a algumas perguntas importantes sobre a Eucaristia e a Missa, a fim de redescobrir, ou descobrir, como o amor de Deus resplandece através deste mistério da fé.



«São Saturnino e os mártires de Abitene» (século XI, monológio)

O Concílio Vaticano II foi fortemente animado pelo desejo de levar os cristãos a compreender a grandeza da fé e a beleza do encontro com Cristo. Por este motivo era necessário antes de mais realizar, com a ajuda do Espírito Santo, uma adequada renovação da Liturgia, porque a Igreja vive continuamente dela e renova-se graças a ela.

Um tema central que os Padres conciliares frisaram foi a formação litúrgica dos fiéis, indispensável para uma verdadeira renovação. E é precisamente esta também a finalidade deste ciclo de catequeses que hoje iniciamos: crescer no conhecimento do grande dom que Deus nos concede na Eucaristia.

A Eucaristia é um acontecimento maravilhoso no qual Jesus Cristo, nossa vida, se faz presente. Participar na Missa «é viver outra vez a paixão e a morte redentora do Senhor. É uma teofania: o Senhor torna-se presente no altar para ser oferecido ao Pai pela salvação do mundo» (Homília, Santa Marta, 10 de fevereiro de 2014). O Senhor está ali conosco, presente. Muitas vezes nós vamos ali, olhamos para as coisas, falamos entre nós enquanto o sacerdote celebra a Eucaristia... e

não celebramos ao lado d'Ele. Mas é o Senhor! Se hoje viesse aqui o Presidente da República ou qualquer pessoa muito importante do mundo, certamente todos estaríamos perto dela, e gostaríamos de a saudar. Mas repara: quando tu vais à missa, o Senhor está lá! E tu distrais-te. É o Senhor! Devemos pensar nisto. “Padre, mas as missas são tediosas” – “Que dizes, o Senhor é tedioso?” – “Não, a Missa não, os sacerdotes” – “Ah, que os sacerdotes se convertam, mas é o Senhor quem está ali!”. Está claro? Não o esqueçais. «Participar na Missa é como viver outra vez a paixão e a morte redentora do Senhor».

Procuremos agora fazer-nos algumas perguntas simples. Por exemplo, por que fazemos o sinal da cruz e o ato penitencial no início da Missa? E aqui gostaria de abrir outro parêntese. Vistes como fazem as crianças o sinal da cruz? Não se sabe o que fazem, se é o sinal da cruz ou um desenho. Fazem assim [o Papa fez um gesto desajeitado]. É preciso ensinar bem às crianças a fazer o sinal da cruz. Assim começa a Missa, assim começa a vida, assim começa o dia. Isto significa que somos remidos com a cruz do Senhor.

Olhai para as crianças e ensinai-lhes a fazer bem o sinal da cruz. E aquelas Leituras, na Missa, porque se fazem? Por que se lêem ao domingo três Leituras e nos outros dias duas? Por que estão ali, o que significa a Leitura da Missa? Por que se lêem e o que têm a ver? Ou então, por que a um certo ponto o sacerdote que preside à celebração diz: “Corações ao alto?”. Não diz: “Telefones ao alto para fazer fotografias!”. Não, não é agradável! E digo-vos que me causa muita tristeza quando celebro aqui na Praça ou na Basílica e vejo tantos telefones elevados, não só dos fiéis, mas até de alguns sacerdotes e bispos. Por favor! A Missa não é um espetáculo: significa ir encontrar a paixão e a ressurreição do Senhor. Por isso o sacerdote diz: “Corações ao alto”. Que significa isto? Recordai-vos: não levanteis os telefones.

É muito importante voltar aos fundamentos, redescobrir aquilo que é essencial, através do que se toca e se vê na celebração dos Sacramentos. O pedido do apóstolo São Tomé (cf. Jo 20, 25), para poder ver e tocar as chagas dos pregos no corpo de Jesus, é o desejo de poder de alguma forma “tocar” Deus para acreditar nele. O que São Tomé pede ao Senhor é aquilo de que todos nós precisamos: vê-lo e tocar nele para o poder reconhecer. Os Sacramentos vêm ao encontro desta exigência humana. Os Sacramentos, e a celebração eucarística de maneira especial, são os sinais do amor de Deus, os caminhos privilegiados para nos encontrarmos com Ele.

Assim, através destas catequeses que hoje começam, gostaria de redescobrir juntamente convosco a beleza que se esconde na celebração eucarística, e que, quando é revelada, dá pleno sentido à vida de cada um. Nossa Senhora nos acompanhe neste novo percurso. Obrigado.

«Oferecer os sofrimentos em apoio dos tantos cristãos perseguidos»: foi o pedido feito pelo Papa aos doentes presentes na praça de São Pedro, durante as saudações aos vários grupos presentes, entre os quais também de língua portuguesa.

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular os fiéis da diocese de Santo Ângelo, desejando-vos que cresçais sempre mais no amor e na adoração da Eucaristia, para que este Sacramento possa continuar a plasmar as vossas comunidades.

Por fim, saúdo os jovens, os doentes e os recém-casados. A hodierna memória dos Santos Mártires, cujas relíquias estão conservadas aqui na Basílica de São Pedro, aumente em vós, queridos jovens, a atenção ao testemunho cristão até nos contextos difíceis; ajude a vós, amados doentes, a oferecer os vossos sofrimentos em apoio dos tantos cristãos perseguidos; encoraje a vós, estimados recém-casados, a confiar na ajuda de Deus e não só nas vossas capacidades.